

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

O VOCABULÁRIO DE ARTHUR DE SALLES: AS PALAVRAS QUE ENGENDRAM O DISCURSO SOBRE O RECÔNCAVO BAIANO

Rosinês de Jesus Duarte
rosiart20@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Do amor à palavra nasce a filologia. Estudar um texto significa mergulhar num mundo de significações, corporificadas através da palavra. Uma das tarefas que compõe a denominada ciência do texto é a edição de textos. Ressalte-se, entretanto, que ao realizá-la é necessário remeter-se, dentre outras tarefas, ao estudo do léxico, pois a crítica textual almeja recuperar o texto como fontes documentais da história de um povo, e o léxico é constituinte dessa história. Dessa forma, fica aqui demarcado o lugar de onde parte esse estudo que visa a lançar um olhar prévio sobre a materialização do léxico no discurso do poeta baiano Arthur de Salles.

Neste trabalho, pretende-se analisar as lexias que se ligam por certas regularidades que compõem os discursos literário e particular de Salles sobre o Recôncavo baiano. Para tanto, selecionaram-se trechos de sua obra literária e de sua correspondência. O trecho que se ler a seguir foi retirado do Romance em verso *Sangue Mau*⁸, texto considerado o centro da obra de temática regional de Salles:

A costa é irregular, escancelada e obscura,
Sem praias de areal de acenosa brancura,
Sem penedias escarpadas,
Sem o épico das rochas empinadas,

⁸ *Sangue mau* é considerado o centro da obra de temática regional de Arthur de Salles. É o romance permeado de superstições, dentre as quais está a do sangue mau. Segundo a crença popular do recôncavo baiano há pessoas que possuem o sangue mau, ou seja, traz consigo maldições e rasto de eterna desgraça. Sendo assim, as pessoas que convivem com quem tem sangue mau atraí desventura para sua vida. No romance *Sauna*, pescador forte e viril da costa, apaixona-se por Tereza que, segundo os moradores da vila, possui sangue mau. Ao casar-se com Tereza, *Sauna* se surpreende com uma sucessão de fatos negativos em sua vida, alegando o ocorrido ao sangue mau que Tereza carrega consigo.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

Torreando na altura.

(...)

O casario dos pescadores
- Búzios do pobre molusco humano –
É uma centena de tejupares,
Acocorados pelos pendores,
Disseminados pelos oiteiros,
Pela beirada das praias curvas,
Uns, branquejantes e alvissareiros,
Abrem sorrindo para o oceano,
Como velas triangulares
Dentro do vago das manhãs turvas.
(...)

Alçada sobre o monte
Olhando o mar lá embaixo, aromando o horizonte,
Velha, trissecular, branca de longe, a igreja,
Voz do Céu, abençoa
E guia aos que se vão, quando a noite negreja,
Aos trancos e aos sacões numa frágil canoa... (SALLES, [1948])

A costa escancelada. Os tejupares. A igreja. E o mar. A cena da enunciação em grande parte dos textos que compõe a obra de temática regional de Arthur de Salles pode ser montada a partir desses pilares. Considerando-se o fato de haver vários universos cenográficos materializados no Vocabulário do bardo, optou-se aqui por restringir o olhar a essa “cenografia”⁹ que integra os textos de temática regional, trazendo a lume as lexias que formam o que por ora consideram-se regularidades discursivas, no que tange à descrição das paisagens, às denominações das habitações dos moradores da costa e ao mar.

Conforme salienta Maingueneau (2006, p. 95), a enunciação acontece em um espaço instituído, definida pelo gênero e sobre a dimensão construtiva do discurso. Esse discurso se coloca em cena, instaurando seu próprio espaço de enunciação. Sendo assim, instaurar-se aqui o espaço enunciativo do poeta Arthur de Salles em alguns de seus textos: O Recôncavo.

⁹ Conforme Maingueneau (1993, 1998) refere-se a uma das três cenas que constitui a *cena da enunciação*. Segundo o autor, a cenografia é imposta pelo tipo ou pelo gênero de discurso, mas é instituída pelo próprio discurso.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Ressalte-se, porém, que para tecer considerações acerca da cena é necessário avaliar as denominadas condições de produção do acontecimento discursivo, ou seja, aquilo que condiciona o discurso. A noção de condições de produção aparece em Pêcheux (1969) e está fundamentada na expressão marxista *condições econômicas de produção*. Deve-se, entretanto, salientar que esses conceitos serão utilizados nesta breve análise alicerçado numa perspectiva foucaultiana que sustenta uma visão complexa das instituições discursivas e das relações entre o interior e o exterior do discurso. Essa noção terminou por adquirir um sentido geral, assimilando-se a contexto, que muitas vezes equivale a *situação de comunicação*.

Neste artigo, apresenta-se, através das escolhas lexicais do poeta baiano Arthur de Salles, a cena que constitui e que institui seu discurso literário. A cena será comentada a partir de três imagens: a paisagem do local; as habitações e o mar. Essas imagens, por sua vez são desdobradas, trazendo singularidades da região que o autor materializou em seu discurso através do léxico.

1. Algumas considerações acerca do discurso de Arthur de Salles

Arthur de Salles faz-se artesão da palavra. A partir da realidade do Recôncavo, constrói novos significados, põe no centro aquela palavra já esquecida pela população ribeirinha, já relegada à fala dos velhos pescadores, fazendo de sua escrita uma permanente fonte de recriação e reinauguração da linguagem daquele povo.

Sendo o *corpus* dessa pesquisa a escrita de um autor, faz-se necessário também situar o ambiente literário e geográfico em que se insere o poeta. A análise da obra de Arthur de Salles revela-o regionalista, pois ele retira do seu ambiente a substância para grande parte de seus escritos.

O regionalismo não está restrito aos fatores físicos e aos fenômenos sociais e econômicos de uma região. Segundo Dorsa (2001, p. 13), sua definição vai além desses limites, ela se refere aos elementos da linguagem, aos costumes, aos cenários, à coesão existente entre os habitantes de uma região.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

A unidade de análise pertinente não é um discurso fechado em si mesmo, mas “o sistema de relações que permite que cada discurso se instaure e se mantenha” (MAINGUENEAU, 2006, p. 68). Pode-se afirmar que o sistema de relações que permite a instauração dos discursos não favorecia o fazer poético do bardo. Posto que, na primeira metade do século XX, ainda que uma onda regionalista tenha passado pela literatura brasileira, privilegiaram-se como discurso constituinte desse tipo de literatura determinada região e determinados autores. Nem Arthur de Salles, nem o Recôncavo Baiano estavam circunscritos nesses privilégios.

Maingueneau (2006, p. 69) afirma que a literatura é um discurso constituinte e, como tal, origina outros discursos. Ressalte-se, entretanto, o fato de que algumas vezes esse discurso se origina de uma parcela não privilegiada da sociedade. Dessa forma, o discurso de Arthur de Salles no que se refere às suas obras de temática regional, fundamenta-se em um discurso não autorizado, já que ele reproduz a fala dos pescadores de uma zona Recôncavo baiano. A constante inserção de expressões populares e de palavras consideradas “regionalismos do nordeste” pela maioria dos dicionários de língua portuguesa, corroboram tal assertiva:

“Andar no escuro, andar sem rumo como cego/ *babatando* na vida!... Andar surdo, andar mudo (SMA, p. 206, 441, v. 916)

Nesse trecho, a lexia *babatar*¹⁰ insere o discurso autóctone à fala do protagonista Sauna, pescador da Vila que vê sua ventura ir-se por conta do “sangue mau” de sua amada, saga que permeia o poema *Sangue Mau*, texto central da obra de temática regional de Salles.

A sua escrita passa-se, conforme esclarece o próprio Arthur de Salles, tudo “entre pescadores”. Veja-se o trecho da carta:

Pouco tenho escripto. Os dissabores, as tristezas destes últimos tempos me não trabalhar [sic]. Depois da morte ao meu irmão comecei a por em verso, a glosar, um assumpto regional – Sangue máo. Em meio veio a morte de meu velho e de novo parei. Destaquei desse assumpto um episodio – o Ramo da Fogueira – que te mandarei. É essa velha superstição de que o ramo da fogueira caindo para a porta é fathidico, indica a morte de alguém da casa. Este e outros assumptos <da> dariam com o nome de

¹⁰ BABATAR v. int. 'Buscar orientar-se, tateando'. (Vocabulário de Arthur de Salles)

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Romanceiro boas paginas regionaes. Estes douts pelo menos eu os darei. Tudo isto entre pescadores. E nada mais. (doc. 069-0371)

O poeta baiano tenta retratar na poesia e na prosa, os costumes, os tipos, a linguagem das micro-regiões que compõem o Recôncavo. Essa região que fascina por seu céu, seu mar, sua vegetação de um costeiro recortado de aproximadamente 200 km, uma região cuja extensão em linha reta é de 70 km da Barra Falsa à Vila de São Francisco da Barra do Seregipe do Conde. Como já se disse, Arthur de Salles tinha uma intimidade com a região que corresponde ao fundo da Baía de Todos os Santos¹¹, percorrendo quase todo costeiro, conhecia a fundo os costumes, e os fatores econômico-sociais que a caracterizava. Em carta a Durval de Moraes descreve a sua visão do Recôncavo:

Venho de percorrer trechos do Reconcavo, numa abalada de quinze dias. Taboleiros desenrolados, numa recordação de deserto, solitarios, sob a fulgência abrazadora do sol; estreitos caminhos de areia fofa escondidos sob ramagens arenaes, mattas de arvores augustas, altissimas frondes verde-negras, dando á paisagem aspectos graves; regatos, corre-gos, tremulos fios de prata promanando entre folhagens sorridentes; rios de margens escavadas pela eversão das ultimas enchentes rollando aguas murmuras (...) á hora de fogo do meio-dia, atupidos de canna; vivendas brancas avultando uns altos e "bois e carros de bois"; a vida, a luz, a terra, o homem, o sonho, a miseria espreitando pelas portinhas dos tejupares, rostos formosos de camponias, (...) tudo isto e mais o indizível das emoções, vi e senti por quinze dias. (doc. 071: 0427)¹²

A zona em que Arthur de Salles produziu grande parte de sua obra é essencialmente zona de pesca, por isso há uma variedade de lexias relacionadas ao mar. Costa Pinto (1997 p. 32) referindo-se à constante presença do mar no cotidiano do Recôncavo diz:

A grande baía, suas águas, suas praias, suas ilhas, formando paisagem de cartão postal, não constitui aqui apenas o proscênio: ao contrário, é o próprio quadro da vida quotidiana, do trabalho, da luta pela vida, o que nos dá razões profundas e objetivas que explicam como o mar é não somente tradição, mas realidade viva na vida daquela gente ribeirinha.

¹¹ Essa é a denominação dada para Recôncavo, por Kátia Mattoso (1992, p. 51). Ela, porém faz uma ressalva para o Recôncavo baiano, pois esse abrange todas as terras adjacentes, ilhas e ilhotas, bem para além das praias, vales, várzeas e planaltos próximos ao mar.

¹² Carta em anexo (anexo iv).

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Pinto (1997, p. 33) assevera ainda que, para a população ri-beirinha, o mar é o seu ganha-pão, eles fazem do saveiro sua montaria, do mar sua oficina e da bravura sua rotina. Sendo assim, de Passé a Candeias, passando por São Francisco, Brotas e outros pequenos lugarejos que constituem a região de pesca do Recôncavo, o Mar é o elemento predominante que inspirou Arthur de Salles a escrever a maior parte de sua obra.

2. Uma incursão pelo vocabulário do autor

A presença do mar, muito recorrente na obra sallesiana, fez-se presente em seu vocabulário. Segundo Kátia Mattoso (1992, p. 85), o Recôncavo era, antes de qualquer coisa, terra de navegação, onde cada um tinha seu barco e onde nunca se estava a mais de um dia de marcha de alguma via navegável ou da orla marítima. As cidades eram quase todas, cortadas pelos rios, de tal maneira que esses elementos estão evidenciados no vocabulário de Arthur de Salles. As lexias referentes ao mar são introduzidas em seu discurso de forma muito recorrente, as palavras não integram o discurso para efeito estilístico, elas se instauram como alma do sentido do texto. As denominações dadas para os diversos tipos de embarcações que aparecem na costa do Recôncavo, são protagonistas de inúmeros trechos do discurso literário de Salles. Em carta a Durval de Moraes ele se autodenomina um *batelão* do mar:

Minha saude vae tambem aos trambolhões. E como ella a vida. Sou, digo sempre em casa, um *batelão* um pobre *batelão* ronceiro, cheio de gusano e bom para ficar ahi na praia, numa enseada onde não soprassem ventos fortes nem batessem vagas altas. Um *batelão*, ahi. (doc. 070: 0394, f. 1, L.16)

A frase “sou, digo sempre em casa, um *batelão*” ratifica o uso de lexias referentes à realidade do Recôncavo como originárias de um discurso sobre si mesmo. Por esta ótica, pode-se pensar em um imbricamento entre o autor e o meio em que e sobre o qual produzia a sua obra. A mesma lexia aparece em vários trechos do poema regional Sangue-mau. Vejam-se, portanto as lexias que denotam os tipos de embarcações utilizadas pelos pescadores:

ALVARENGA, s.f. Embarcação utilizada para carga e descarga de navios. “... *estivador conhecido pela força, vigia das alvarengas, depois*

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

negociante clandestino de carvão de pedra, ...” (SM, Adv.0079 — L. 19)

BATELÃO¹³ s.m. ‘canoa pequena e alta, de grande pontal’. Ex: “*Minha saude vae tambem aos trambolhões. E como ella a vida. Sou, digo sempre em casa, um batelão um pobre batelão ronceiro, cheio de gusano e bom para ficar ahí na praia, numa enseada onde não soprassem ventos fortes nem batessem vagas altas. Um batelão, ahí. (doc. 070: 0394, f. 1, L.16) [Regionalismo] 2. (s.m.). ‘Canoa curta, de grande boca¹⁴ e pontal,¹⁵ impelida a remo’. “Lento, em remada curta, o batelão avança” (OB, V. 88); (OB, V. 16, 28, 111). 2. [s. m. Barco pequeno, largo e forte que serve para transporte e desembarque.]: “Por pouco não chamou os barcos, os saveiros/e os batelões da costa.” (SM, Adv.p. 126, v. 216; p. 153, v. 427; p. 153, v. 427; p. 154, v. 435) 3. s.m. canoa curta, larga e robusta usada para transporte ou desembarque de carga: “E tangido pelo desejo, como um batelão batido de ressaca...” (SM, Adv.l. 35, p. 159)*

BRIGUE (s.m.). ‘Embarcação veleira de dois mastros, dos quais o maior é inclinado para trás’. “*Brigue que quer partir em busca de um tesouro / Cujó brilho incendeia o céu e o mar,*” (E, V. 23); (HSV, V. 27).

CANOA (s.f.). ‘Embarcação indígena, feita de um tronco de árvore adelgado e escavado, que possui dois remos, empregada na pesca fluvial e costeira’. “*As canoas apontam para além da enseada / As longas proas negras.* 2 Ex.: “Alçada sobre o monte/...a igreja,/Voz do céu, a-bençoa/E guia aos que se vão.../Aos trancos e aos sacões numa frágil canoa...” (SM, p. 110, v. 60)

BARCA (s.f.). ‘Embarcação de fundo chato, para transporte de passageiros e carga’. “ (...) *A procella / Ha muito que não vem, raivando e restrugindo / As barcas a fundir e os lares enlutar...*” (PDL, V. 14); (Ob, L.50; N, V. 41). 2. [s. f. Embarcação larga e pouco funda.] “Mas vai tombando aos poucos, solitária, esquecida/Como o sol no deserto, como barca partida.” (SM, p. 110, v. 66; p. 170, v. 575; p. 171, v. 590)

BARÇAÇA (s.f.). ‘Embarcação usada para transportar mercadorias, geralmente de fundo chato, sem quilha, com os costados quase verticais’. “*Ancorada a barçaça, à noute, a marinagem / Ao vinho e ao jogo, esquece a trabalhosa viagem*” (OCB, V. 9); (OCB, V. 44; Ob, L.1). 2. [s. f. Embarcação de madeira ou de ferro, geralmente de fundo chato, com grande boca e pequeno pontal, destinada à transporte de mantimentos, combustíveis, água, etc. As barçaças, geralmente, andam à reboque.]: “Tudo que anda no mar tem rasto como a gente./Navio, batelão, lancha,

¹³ Houaiss (2001) registra como regionalismo da Bahia.

¹⁴ Diz respeito à largura do casco da embarcação.

¹⁵ Refere-se à altura da embarcação entre a quilha e o convés principal.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

bote, *barcaça...*” (SM, Adv.p. 124, v. 183; p. 200, v. 844) 3. [s. f. Uso met. Mulher formosa]: “O rapaz, um bom mestre, a menina *barcaça*/bonita, nova e bolineira...” (SM, Adv. p. 123, v. 183)

Além das denominações para os tipos de embarcações, a presença do mar é corroborada pela inserção de expressões populares relacionadas ao mar. Em uma conversa entre pescadores da vila (Mareta, João Tuna e Chico Souza), no poema Sangue-mau, surge a lexia “amarrar no mar”, é introduzida quando os pescadores comparam a presteza e a velocidade das embarcações dos pescadores envolvidos no diálogo:

(...) *Amarrava no mar*¹⁶ como um carro na lama.
Um trambolho, Mareta. E “Fortuna” é um corisco.
Quanto mais forte o mar, mais leve e mais arisco,
Quanto mais vento tem, mais ele está pedindo.
Sim, para cada baluma uma refrega. (Salles, 1948)

Outras expressões relacionadas ao mar permeiam o discurso literário de Salles, vejamos outros exemplos:

APANHAR O RASTO E JOGAR NO MAR exp. ‘Cortar a sorte, o destino de alguém, tornando-o, assim, desgraçado’. Ex.: “É, feitiço, feitiço. / Os maus olhos, a inveja. Está no que vem dar. / *Apanharam seu rasto e jogaram no mar.* (SMA, p. 193, 378, v. 782). [Regionalismo]

CABEÇA-D’ÁGUA exp. ‘A maré de maior amplitude’. “Pelo outro. A maré ainda não descambou./Hoje é *cabeça-d’água*?... [...]Oxente! Broco, assim? / Sol por lua, Saúna.” (SMA, p. 209, 460, L.1). [Regionalismo]

CORTAR A PROA [exp. náut. Cruzar-se com uma embarcação que vai a navegar, passando-lhe a distância *relativamente* curta da proa.]: “Aí está ‘Conceição’. Quem lhe *cortasse a proa*/não veio ainda.” (SM, Adv.p. 156, v. 468; p. 189, v. 753)

Salles antes de ser classificado como representante de qualquer escola literária, deveria ser classificado como aquele que resgata os traços culturais que caracterizaram o povo do Recôncavo e da Cidade da Bahia. Há textos, no *corpus* estudado que estão marcados pelo hibridismo que transcende as barreiras das escolas literárias, ele, com instrumentos da estética parnasiana e com a morbidez do simbolismo, adentra na vida simples da população ribeirinha, para cantar o

¹⁶ [exp. pop. Andar devagar, roneiro]: “*Amarrava no mar* como um carro na lama.” (SM, Adv.p. 151, v. 417)

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

mar, a gente, a paisagem do Recôncavo; trazendo ao leitor a “graça festiva” inerente a essas regiões.

A realidade do local em que se encontra lhe proporciona o assunto literário, o mar, os mulungus, o pescador, os ritmos, as superstições eram os motivos de seu fluir na escrita literária. Vê-se uma integração entre o homem, a obra e seu momento histórico-cultural. Em seus textos em prosa, principalmente naqueles cuja temática é o mar, percebe-se uma simbiose entre o poeta e seu meio, especialmente quando se trata do léxico.

A Região por onde perpassa a maioria das obras de temática regional de Salles, corresponde ao Recôncavo da Pesca e ao Recôncavo canavieiro. Como já se explicitou, a colônia de pescadores do povoado de Passé constitui o principal cenário, como se vê em *Sangue-mau*, *O Dote de Matilde*, *O Ramo da fogueira*. O poeta vai, em cada texto, descortinando a região onde atuam os seus pescadores, trovadores, velhos plenos de sabedoria popular e moças encantadoras. Desse modo, as lexias que revelam a paisagem do cenário escolhido por Salles são protagonistas do seu discurso, pois o poeta faz, com frequência, um retrato do cenário onde se desenrolará a trama. No prólogo de *Sangue mau*, é possível visualizar o distrito de Passé, cenário do poema:

A costa é irregular, escancelada e obscura,
Sem praias de areal de acenosa brancura,
Sem penedias escarpadas,
Sem o épico das rochas empinadas,
Torreando na altura.

Seguem abaixo algumas lexias que retratam a paisagem escolhida por Arthur de Salles:

BARRANCEIRO s.m. ‘margem esbarrancada’. Ex.: “Versos malditos!... Versos malditos, que lhe roem o coração, como a onda minaz aos *barranceiros* da riba.” (SMA, p. 170, 292, L. 9). [Neol.]

BARRANCO [s. m. lugar cavado por enxurradas ou por outra causa.]: “Ele é que há de arrojá-lo um contra o outro, Pereira,/Como arroja a canoa no *barranco* da costa.” (SM, Adv.p. 145, v. 401)

COSTA (s.f.). ‘Faixa de terra em contato com o mar’. “*O tronco. Ei-lo, depois, entre as vagas boiando./ Voga, apegado à costa, a alma cheia de medo (...)*” (HSV, V. 17); “A *costa* é irregular, escancelada e obscura,” 3. s. f. Extensão de terra próxima ao mar. “... *ninguém o via,*

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

salvo quando um naufrágio, uma canoa aparecida, punham em ação o mister de capataz daquela costa.” (SM, p. 107, v. 11)

COSTA ESCANCELADA [adj. O costeiro muito aberto]: “A costa é irregular, *escancelada* e obscura” (SM, p. 107, v. 11)

COSTA IRREGULAR [adj. Sem formação geológica definida]: “A costa é *irregular*, *escancelada* e obscura” (SM, p. 107, v. 11)

No que tange ao vocabulário da cultura material, salienta Rohlf (1979, p. 60), o estudo das palavras conduz ao estudo das coisas. Assim, no campo da linguística, a história linguística se converte na história cultural em seu sentido mais estrito e o linguista se coloca em íntima relação com o etnógrafo e com o arqueólogo. Estabelece-se, desse modo, uma intercomunicação entre língua, cultura e folclore que leva a aprofundar-se o conhecimento da cultura dos povos (ROHLFS, 1979, p. 123-4).

É necessário estudar o uso do léxico em Arthur de Salles, considerando-se que este serve de instrumento para a compreensão do seu *modus scribendi*, revelando a cor local muito presente e valorizada em sua escrita. Outra imagem constantemente materializada nas escolhas lexicais do poeta é a denominação para a habitação dos pescadores. A denominação pode ser dividida considerando-se dois traços semânticos:

1. Casa onde moram pescadores do povoado:

ARAPUCA, s. fig. Casa velha e esburacada. “*Era a arapuca do Anthero como diziam / os rapazes.*” (SM, Adv.0469— L. 08 f. 1)

CASARIO (s.m.). ‘Agrupamento de casas’. “*O casario < agarra-se (?) < † > gor(...) os costumes*” // “*O casario esparsos < † meia encosta >*” (DM 1 v, L. 1, 5) 2. [s. m. Série de casas.] (p. 107, v. 16): “*O casario dos pescadores/...é uma centena de tejumpares*” (SM, Adv.p. 107, v. 16)

CASEBRE [s. m. Casa pequena e velha ou arruinada]: “É o búzio que saltou do temporal na areia./Nele é que escuto a voz de Deus no meu *casebre.*” (SM, Adv.p. 2131, v. 1072)

TEJUPAR s.m. ‘habitação feita de taipa: argila e madeira fina’. Ex.: “*O casario dos pescadores/ – Búzios do pobre molusco humano –/ É uma centena de tejumpares./ Acocorados pelos pescadores./ Disseminadas pelos outeiros./ Pela beirada das praias curvas.*” (SMA, p. 107, 4, v. 18). [Regionalismo]

2. Casa comercial, frequentada pelos moradores do lugarejo.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

BAIUCA, s. f. Bodega. “À noute, metido dentro da *baiuca* mal esclarecida pelo candeeiro fumacento, convida os três companheiros para uma saída.” (SM, Adv.0079 — L. 07, 12, 28 e 54).

CUMBUCA s.f. ‘casa de jogo’. Ex.: “... uma visita a qualquer *cumbuca* a ver se a lebre dava alguma cousa para o cigarro.” (ITR, L. 66-67) [Regionalismo]

CASA DA FUNÇÃO, sint, nom. Salão de festas. “... *beijos atras da casa da função, dansas em / que os corpos andavam escandalosamente juntos,...*” (SM, Adv.0469—L. 12 f. 2)

CASA DE MULHER-DAMA [s. f. Prostíbulo]: “Chico Souza, cortando o caso ainda inédito do vendeiro em que iam relampear navalhas em estúrdias nocturnas, em *casas de mulheres-damas*, lá pelas cidades do Sul.” (SM, Adv.p. 160, v. 489)

As escolhas lexicais do poeta para a denominação de habitação dos pescadores, bem como a denominação para casas comerciais ou ambientes frequentados pelos moradores da costa denotam o efeito de sentido conseguido por Salles. Essas lexias materializam a realidade do local e ratificam o estreitamento entre o poeta e a sua situação de produção.

3. Considerações finais

As lexias apresentadas aqui dão uma mostra de como é constituída a cena na obra de temática regional de Arthur de Salles. Pode-se perceber que as cenas são marcadas por regularidades: são discursos que autorizam a protagonização de uma gente que, geralmente, não compõe os cenários principais: sua paisagem, sua moradia, seus costumes. O poeta traz aquilo que seria denominado periférico para o centro de suas histórias, revelando, dessa forma, sua historicidade, enquanto sujeito constituído de uma exterioridade marcante, materializadas através de suas escolhas lexicais. A partir dessa ótica, será possível vislumbrar o Vocabulário do Arthur de Salles, enquanto documento da memória cultural e linguística de um Recôncavo histórico, permeado por um conhecimento holístico que singulariza a produção do poeta nesse período.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Nelson de. *Pequenos mundos*. Um panorama da cultura popular da Bahia. Salvador: UFBA/EMAC; Fundação Casa de Jorge Amado, 1985.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 4. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio; Academia Brasileira de Letras, 2004.

CARVALHO, Nelly Medeiros de. Neologismos na imprensa escrita. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). *As ciências do léxico*: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: EDUFMS, 1998. p. 63-72.

_____. *Linguagens da vida*. Recife: Editora Universitária, 1998.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria*: literatura e senso comum. Trad.: Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: EDUFMG, 2001.

DORSA, Arlinda Cantero. *As marcas do regionalismo na poesia de Raquel Naveira*. Campo Grande: UCDB, 2001.

DORSA, Arlinda Cantero. *As marcas do regionalismo na poesia de Raquel Naveira*. Campo Grande: UCDB, 2001.

DUARTE, Rosinês de Jesus. *No mar neológico de Arthur de Salles navegam os regionalismos do recôncavo baiano*. Salvador: ILUFBA, 2007. Dissertação orientada por Célia Marques Telles.

ELUERT, Roland. *La lexicologie*. Paris: PUF, 2000.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7 ed. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense. 2005.

GOUWS, Rufus. Types of articles, their structure and different types of lemmata. In: STERKENBURG, Piet van. *A practical guide to lexicography*. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p. 34-43.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da enunciação*. Org. de Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza e Silva. Curitiba: Criar, 2006.

MATOS, Milton dos Santos. *Recôncavo: berço dos canaviais*. Salvador: Itapoan, 1976.

MATTOSO, Kátia M. de Queirós. *Bahia século XIX: uma província no Império*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1992.

PINTO, Costa. *Recôncavo: Laboratório de uma experiência humana*. Salvador: Costa Pinto, 1981.

PINTO, Pedro A. *Brasileirismos e supostos brasileirismos de “Os Sertões” de Euclides da Cunha*. Rio: Tip. S. Benedito, 1931.

ROCHA, Tadeu. *Modernismo e regionalismo*. Maceió: Departamento Estadual de Cultura, 1964.

ROHLFS, Gerhard. Lengua y cultura; estudios lingüísticos y folklóricos. In: ROHLFS, Gerhard. *Estudios sobre el léxico románico*. Re-el. parcial y notas de Manuel Alvar. Madrid: Gredos, 1979.

SALLES, Arthur. *Sangue-mau*. Edição crítica sob a direção de Nilton Vasco da Gama. Salvador: UFBA, 1982

TAVARES, Odorico. *Bahia: imagens da terra e do povo*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 2001.

TELLES, Célia Marques. O interdiscurso na obra de Arthur de Salles. In: SANTANA NETO, João Antônio de *et alii*. *Discursos em análise*. Salvador: Universidade Católica do Salvador/NEAD, 2003. p. 409-425.

TINHORÃO, José Ramos. *História social da música popular brasileira*. São Paulo: Editora 34, 1998.